



grafites - Erich Vallim Vicente

O diretor da Esalq, José Vicente Caixeta Filho, apresentou, em reportagem de A Tribuna publicada na semana passada (dia 5) e assinada pelo jornalista Romualdo Cruz Filho, em que pé

está o famigerado Polo Nacional de Biocombustíveis. Na concepção de Caixeta Filho, "em essência, nada mudou; só que o conceito de polo, depois de bem analisado, perdeu a razão de existir". **A5**

Polo nacional terminou, mas parece nunca ter existido

Erich Vallim Vicente
erich@tribunatp.com.br

O diretor da Esalq, José Vicente Caixeta Filho, apresentou, em reportagem de A Tribuna publicada na semana passada (dia 5) e assinada pelo jornalista Romualdo Cruz Filho, em que pé está o famigerado Polo Nacional de Biocombustíveis. Na concepção de Caixeta Filho, "em essência, nada mudou; só que o conceito de polo, depois de bem analisado, perdeu a razão de existir". Há, nesta fala, a síntese do que aconteceu a partir de janeiro de 2004, quando o então presidente Lula e Dilma Rousseff, na época ministra das Minas e Energia, vieram a Piracicaba para o lançamento do polo nacional.

Realmente, como disse Caixeta Filho, "nada mudou", nem do que havia antes do lançamento do polo e nem em relação ao que há agora. E "perder a razão de existir" pode ser traduzido

no sentido de não valer à pena para a Universidade de São Paulo (USP) - ligada ao governo estadual, sob administração tucana - abraçar projeto com a marca do governo federal - de gestão petista -, pelo qual ficou configurada a tentativa, naquela época, de dar uma resposta científica à necessidade de o Brasil implementar sua política de combustíveis renováveis, mas não tenha passado de "voo de galinha".

Há dois pontos fundamentais a serem entendidos sobre o que se passou entre 2004 até a semana passada, com o anúncio - mesmo que extra-oficial - do atual diretor da Esalq de que o polo nacional "perdeu a razão de existir". A briga político-partidária, sem dúvida, foi determinante para a não continuidade do polo. De cima, no governo fede-

ral, o fato de prometer recursos, a título de utilizar uma estrutura pronta, estabelecida no plano estadual, de pesquisas e estudos voltados para os combustíveis renováveis. Por parte do Estado de São Paulo, a negação de fazer parte de uma marca do governo federal, sem ter nada - recursos, especialmente - em troca. Essa relação de forças fez o polo evaporar.

Para reforçar o aspecto político da briga, maior do que qualquer justificativa técnico-científica para a criação do polo nacional foi a polêmica de que o organismo federal teria sido transferido para Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), cidade onde a administração municipal é

exercida por petistas - Oswaldo Barba, ex-reitor da UFSCar. Em 2004, quando veio a Piracicaba, Lula também prestava serviço ao então prefeito José Machado, no intuito de alavancá-lo na disputa vin-



"Nada mudou", disse Caixeta Filho, sobre o fim do polo

doura da reeleição. (Nota: Machado, não só perdeu, como nem chegou ao segundo turno na oportunidade)

Neste imbróglio todo, de disputas políticas, a necessidade de se criar um orçamento mais robusto para a área de pesquisa e tecnologia, e que esteja afinada com interesses do país no sentido de atender qualificar e assegurar seu espaço como desenvolvedor de tecnologias no setor sucroenergético, ficou em segundo plano. Qual o impacto disso na sincronia de pesquisas/mercado/política nacional ainda fica difícil avaliar, já que, como disse Caixeta Filho, "nada mudou". O Polo Nacional de Biocombustíveis começou em 2004, e terminou somente sendo uma marca, porque, de fato, nunca existiu.